

#191

Do outro lado do espelho Ana Hatherly e o Barroco Bolsas Gulbenkian Mais



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

outubro

Neste número



JAMES ABBOTT MCNEILL WHISTLER, *SINFONIA EM BRANCO, N.º 2: A MENINA VESTIDA DE BRANCO*, 1864

4

Do outro lado do espelho

Uma nova exposição, a partir de 26 deste mês, mostra a presença do espelho na arte europeia. A Galeria principal do Edifício Sede receberá obras de museus internacionais como o Museo Thyssen-Bornemisza, o Centro de Arte Reina Sofia, o Centre Pompidou, o Fitzwilliam Museum, a Tate, e os Musées de Beaux-Arts de Bordéus e de Lille, entre muitos outros. Fique a conhecer as cinco obras escolhidas pela curadora da exposição, Maria Rosa Figueiredo.

10

Ana Hatherly e o Barroco

Num Jardim feito de Tinta é a segunda parte do título desta exposição que abre a 13 de outubro no Museu Calouste Gulbenkian — Coleção do Fundador e Galeria do piso inferior. A mostra explora o modo como Ana Hatherly revalorizou o Barroco, tanto na sua investigação como no seu trabalho experimental, provando a frutuosa relação das vanguardas com o passado, da inovação com a tradição.

14

Entre o Céu e a Terra

Sete concertos atravessados por uma busca de espiritualidade e transcendência reúnem no Grande Auditório e no Panteão Nacional a música barroca e sefardita, composições de Bach e de Gorécki, entre outras, interpretadas por grandes nomes da música. Neste primeiro núcleo temático da temporada, destaque para o regresso de Elisabete Matos (na foto), no dia 15, ao palco da Fundação Gulbenkian.

18

Bolsas Gulbenkian Mais

A 1 de outubro foi lançado um novo programa de bolsas dirigido a estudantes de todo o país, que estão a candidatar-se pela primeira vez à universidade, com uma média de entrada superior a 18 valores. As bolsas Gulbenkian Mais apoiam jovens com as melhores notas e menos recursos financeiros, promovendo competências como a inteligência emocional e a capacidade de liderança através de uma formação desenvolvida e testada na Google.



© D.R.



© D.R.

26

Encontro Mulheres nas Artes

A 16 e 17 de outubro, uma conferência da libanesa Joumana Haddad (na foto), autora do livro *Eu Matei Xerazade: Confissões de Uma Mulher Árabe em Fúria*, e a antestreira do novo filme da realizadora britânica Sally Potter, *The Party*, destacam-se no encontro internacional que vai debater na Fundação Calouste Gulbenkian o que tem sido a afirmação das mulheres na literatura, na música, no cinema, nas artes visuais e nas artes de palco.

Índice

Novas exposições

- 4 Do outro lado do Espelho
- 10 Ana Hatherly e o Barroco
- 12 Marie José Burki

Música

- 14 Entre o Céu e a Terra

Notícias

- 18 Bolsas Gulbenkian Mais
- 20 Inovar na escola e pela escola
- 21 Prémio Vasco Vilalva
- 22 Vidas Ubuntu
- 24 Fundações e Comissão Europeia estreitam colaboração
- 24 Isabel Mota no Hague Club
- 25 Wim Wenders na Fundação Gulbenkian
- 25 Um estudo sobre o Trabalho e o Emprego
- 26 Mulheres nas Artes: Percursos de Desobediência
- 28 Novas atividades para Descobrir
- 30 Celebrar os Livros de Artista
- 31 Nova edição da obra de Maria Helena da Rocha Pereira
- 32 Energia fotovoltaica no futuro de Moçambique
- 33 E se o peixe-zebra ajudasse no tratamento do cancro?

Ambientes

- 34 Lisboa na Rua

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#191 — OUTUBRO 2017 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA — THE DESIGNERS REPUBLIC — IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO — DDLX / REVISÃO DE TEXTO — RITA VEIGA / CAPA — NOÉ SENDAS, *CRYSTAL GIRL* N.º 69, 2012 / IMPRESSÃO — CRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM — 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN.PT

Do outro lado do espelho

Esta exposição tem como tema central a presença do espelho na arte europeia, sobretudo na pintura, mas também na escultura, fotografia, cinema e arte do livro. Abre ao público a 26 de outubro na Galeria de Exposições Temporárias do Edifício Sede.



VLADIMIR LUKIANOWITSCH VON ZABOTIN, A MENINA DO ESPELHO, 1922 - 1927
© BPK / STAATLICHE KUNSTHALLE KARLSRUHE / ANNETTE FISCHER / HEIKE KOHLER

As 69 obras reunidas nesta mostra, com a carga simbólica de um número-espelho, percorrem um arco temporal do século XIII até à atualidade e pertencem a coleções privadas e públicas de vários países da Europa, como o Museo Thyssen-Bornemisza, o Centro de Arte Reina Sofia, o Centre Pompidou, o Fitzwilliam Museum, a Tate, e os Musées de Beaux-Arts de Bordéus e de Lille, entre muitos outros. Cá dentro, para além de obras do próprio acervo do Museu Calouste Gulbenkian, destacam-se os empréstimos do Museu Nacional de Arte Antiga, Museu do Chiado, Museu Nacional Grão-Vasco, Casa das Histórias, Museu de Ciência da Universidade de Coimbra ou de coleções como a da Caixa Geral de Depósitos ou a Coleção Berardo.

Maria Rosa Figueiredo, em colaboração com Leonor Nazaré, é a curadora desta exposição, que testemunha o modo como os artistas sempre usaram as infinitas possibilidades visuais dos espelhos, capazes de conduzir a outras dimensões, de espiritualidade, de ilusão ou até de pesadelo.

Embora a finalidade mais óbvia do espelho seja a representação fiel das aparências, refletindo uma visão coerente do mundo, muitos artistas favoreceram a ambiguidade e a fragmentação, com propósitos muitas vezes de ordem filosófica, em detrimento da representação mimética da realidade. São inúmeros os exemplos desta tendência que estarão presentes ao longo dos cinco núcleos temáticos que compõem a mostra: «Quem sou eu?». **O espelho identitário; O espelho alegórico; A mulher em frente ao espelho: a projeção do desejo; Espelhos que revelam e espelhos que mentem; O espelho masculino: autorretratos e outras experiências.**

As escolhas da curadora

Por Maria Rosa Figueiredo

George Romney

Mrs Russell and Son, 1786-87

PROPRIEDADE DA FAMÍLIA RUSSELL ATÉ 1965

COLEÇÃO ROGER SEELIG

Esta pintura ilustra de um modo perfeito o papel do espelho na tomada de consciência do "eu". Nesta fase de autoconhecimento, a criança não está sozinha frente ao espelho, mas acompanhada da mãe que a ajuda a compreender a sua própria identidade. Segundo o relato de Henry Russell (a criança representada neste quadro), a encomenda surgiu num dia em que o pintor presenciou, em casa da família Russell, a cena do menino a brincar com o espelho, amparado pela mãe, tendo exclamado: "aqui está um bonito quadro". A pintura ficou pronta a 27 de maio de 1787, dia em que a criança completou quatro anos. George Romney foi um dos pintores mais prolíficos e bem-sucedidos da sociedade inglesa do século XVIII, tendo deixado um legado de cerca de 2000 pinturas e 5000 desenhos, espalhado por 23 países.





Paulus Moreelse

Rapariga com Espelho, Alegoria do Amor Profano, 1627

CAMBRIDGE, FITZWILLIAM MUSEUM

© FITZWILLIAM MUSEUM, CAMBRIDGE

O segundo núcleo da exposição é dedicado ao papel do espelho na alegoria. A pintura de Moreelse mostra-nos uma rapariga de alto estrato social, com o colo e o peito provocantemente expostos, apontando para a sua imagem refletida no espelho à laia de convite à partilha do prazer que ela própria sente ao contemplar a sua juventude e beleza. Esta alegoria é sublinhada pelo quadro na parede, que representa um episódio amoroso das *Metamorfoses* de Ovídio, e por um livro ilustrado com uma mulher ajoelhada diante de uma imagem de Vénus, a deusa do amor profano. Moreelse nasceu e trabalhou em Utreque, tendo-se distinguido sobretudo como retratista, com encomendas de todos os pontos do país.



Sir Edward John Poynter, Bt., P.R.A.

The Bunch of Blue Ribbons, 1862

COLEÇÃO PARTICULAR

O terceiro núcleo da exposição trata da Mulher face ao espelho. É verdade que desde sempre o espelho esteve associado à *toilette* feminina, enquanto desejo de melhorar a sua aparência, de se proteger e de agradar ao "outro". Já na Antiguidade encontramos o tema frequentemente representado na pintura tendo como protagonistas as deusas do Olimpo.

Foi Gentile Bellini (c. 1430-1516) o primeiro a representar a mulher comum em frente ao espelho, sem qualquer outra intenção senão contribuir para realçar a sua beleza. Mas é a partir do século XVII, na Holanda e em França, que a recorrência do tema se afirma: a mulher, sentada em frente ao toucador, vai rodear-se de todos os objetos necessários à sua maquilhagem. É o que acontece numa das primeiras obras expostas por Poynter na Royal Academy, num início de carreira que viria a mostrar-se prolífica, terminando como Presidente da Instituição. *The Bunch of Blue Ribbons* data de 1864, ano em que Whistler, seu contemporâneo, pintou *Symphony in White, n.º 2: The Little White Girl*, uma obra também presente nesta exposição. Como na pintura de Whistler, a face da rapariga pintada por Poynter não parece corresponder à sua imagem especular, como se o pintor quisesse usar o espelho não apenas como reflexo, mas como meio de mostrar um rosto diferente, tratando a figura em contraluz e iluminando o seu reflexo total no espelho.



Arpad Szènes

Autorretrato, 1930

CENTRE POMPIDOU, PARIS, MUSÉE NATIONAL D'ART MODERNE/CENTRE DE CRÉATION INDUSTRIELLE © CENTRE POMPIDOU, MNAM-CCI, DIST. RMN-GRAND PALAIS/PHILIPPE MIGEAT

O *Autorretrato* de Arpad Szènes é uma pintura misteriosa que se integra no quarto núcleo da exposição, centrado nas inexatidões, nos desvios e nos enganos do reflexo especular.

Em 1924, Arpad decide abandonar a sua Budapeste natal e empreender uma longa viagem que, em 1925, o leva a Paris, onde fixa residência. Em 1928, conhece Maria Helena Vieira da Silva com quem casa em 1930. A partir de então realiza numerosos retratos da mulher artista.

Neste autorretrato, como noutras pinturas que retratam Vieira da Silva no ateliê, nota-se a simbiose entre os dois seres. Este é um autorretrato simbólico, em que a sua própria cabeça é representada pelo espelho, parcialmente habitada pela mulher que lhe ocupa o pensamento.



Columbano Bordalo Pinheiro

Retrato de D. José Pessanha, 1885

LISBOA, MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO CHIADO © CARLOS MONTEIRO

Contrariamente aos núcleos anteriores da exposição, em que a mulher é a protagonista, o quinto módulo é dedicado ao espelho dos homens, sobretudo usado em autorretratos. Escolhemos o Retrato de D. José Pessanha, de Columbano Bordalo Pinheiro, um dos maiores génios da pintura portuguesa na passagem do século XIX para o XX. Nesta pintura, um espelho na parede serve ao pintor para se incluir no quadro, de paleta na mão, a retratar D. José Pessanha. Para além do intimismo, a pintura apresenta variados focos de interesse que se espalham pela superfície do quadro, ganhando autonomia graças à unidade cromática do fundo.

DO OUTRO LADO DO ESPELHO

Curadoria: Maria Rosa Figueiredo
com a colaboração de Leonor Nazaré

*Fundação Calouste Gulbenkian
Edifício Sede – Galeria Principal*

26 outubro – 5 fevereiro 2018

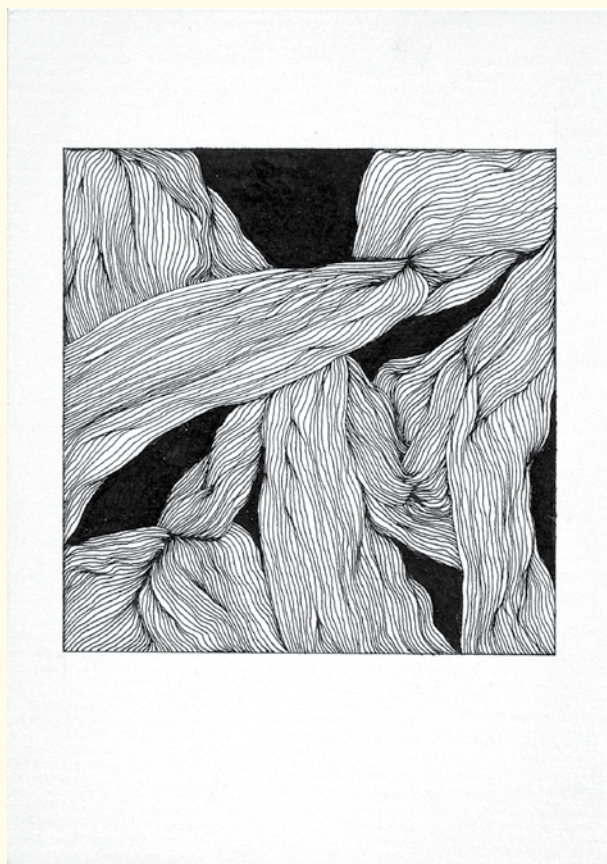
Ana Hatherly e o Barroco

Num Jardim Feito de Tinta

A influência do Barroco na obra de Ana Hatherly (1929-2015) e a influência de Ana Hatherly na reinvenção do Barroco: é este o ponto de partida para uma exposição-ensaio que será apresentada, a partir do dia 13 de outubro, na galeria inferior da Coleção do Fundador do Museu Calouste Gulbenkian, estendendo-se às galerias de arte islâmica do Museu.

A mostra explora o modo como a artista, que foi professora catedrática de Literatura Barroca, revalorizou este período, tanto na sua investigação como no seu trabalho experimental, provando a frutuosa relação das vanguardas com o passado, da inovação com a tradição. Adotando um subtítulo retirado de um poema de Ana Hatherly, "Num Jardim Feito de Tinta", o curador Paulo Pires do Vale cruza trabalhos da artista com obras, livros, objetos e documentos de períodos históricos distintos, analisados ou referidos nos seus ensaios. Num jardim arquitetado pela tinta dos seus desenhos e da sua escrita, o curador propõe uma reflexão sobre a relação com a História, num sugestivo percurso a partir de algumas das categorias essenciais do Barroco: o labirinto; o jogo e a morte; a alegoria; e o diálogo oblíquo entre pintura e poesia. São sugeridas múltiplas portas de entrada na obra desta artista, que se expressou através da poesia e da prosa, do desenho, colagem, performance, filme, televisão e ainda nos ensaios e na investigação académica.

Para além de muitas obras do acervo da Coleção Moderna, da Coleção do Fundador e da Biblioteca de Arte da Fundação Gulbenkian, estarão presentes obras vindas de coleções privadas e públicas como a Fundação de Serralves, Museu Nacional de Arte Antiga, Museu de Évora, Museu do Caramulo e Igreja Paroquial de Cascais (de onde virá uma extraordinária obra de Josefa de Óbidos) – bem como



ANA HATHERLY, SEM TÍTULO (SÉRIE «PAISAGEM INTERIOR»), 1972
© MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN – COLEÇÃO MODERNA / PAULO COSTA



JOSEFA DE AYALA (JOSEFA DE ÓBIDOS) (1630-1684), *AGNUS DEI*, NÃO DATADO
© MUSEU NACIONAL FREI MANUEL DO CENÁCULO – MUSEU DE ÉVORA – DRCALEN / DGPC/ADF. JOSÉ PESSOA

materiais raros da sua atividade letiva no Ar.Co, e os surpreendentes livros barrocos que estudou e analisou, fruto das suas pesquisas na Biblioteca Nacional, Biblioteca da Ajuda, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e Biblioteca de Évora.

Uma vasta programação paralela, composta por conferências, visitas guiadas, aulas abertas, concertos e um ciclo de cinema, vai contribuir para dar a conhecer esta artista multifacetada que marcou a arte do seu tempo e das gerações seguintes, na mesma medida em que alterou o nosso conhecimento e visão sobre os artistas e escritores barrocos. Entre as várias propostas destaca-se o concerto com composições de João Madureira, a partir de poemas da artista, que se realizará no Museu Calouste Gulbenkian, no âmbito dos Concertos Promenade, juntamente com outras peças barrocas (5/11, 16h).

Haverá também uma programação realizada em parceria com a Fundação Carmona e Costa, que apresenta, em simultâneo no seu espaço, a exposição *Ana Hatherly – Território Anagramático* (curadoria de João Silvério). Para além de visitas especiais às duas exposições, realiza-se, em janeiro de 2018, a conferência *Ana Hatherly e o Barroco* com a participação de Christine Buci-Glucksmann, Filomena Molder e moderação de Paulo Pires do Vale, seguida do lançamento do livro *Ana Hatherly. Esperança e desejo – Aspectos do Pensamento Utópico do Barroco*, organizado por Ana Marques Gastão. Ainda em janeiro, no âmbito desta parceria, será também apresentado um ciclo de filmes de Ana Hatherly.

ANA HATHERLY E O BARROCO NUM JARDIM FEITO DE TINTA

Curadoria: Paulo Pires do Vale com
a colaboração de Nuno Vassallo e Silva

Museu Calouste Gulbenkian
Coleção do Fundador e Galeria Inferior

13 outubro - 15 janeiro 2018

Marie José Burki

Às vezes sombra, às vezes luz

Autora de um trabalho poético e contemplativo, Marie José Burki (Bienne, Suíça, 1961) apresenta, nesta sua primeira exposição em Portugal, um conjunto de filmes, fotografias e colagens. Sob o título geral **Às vezes sombra, às vezes luz**, a mostra ocupa o Espaço Projeto do Museu Calouste Gulbenkian e inclui um filme inédito sobre o mundo atual, criado especialmente para a ocasião e que pode ser visto, em projeção contínua, na Sala Polivalente.

Em estruturas narrativas simples ou a partir da captação de momentos expressivos singulares, as obras de Marie José Burki centram-se em figuras anónimas e banais ou inspiradas em textos literários, que protagonizam uma suspensão no tempo e no espaço. É o caso dos filmes *In der Nähe*, em que a câmara se detém sobre corpos ociosos, sentados ou deitados ou em que uma multidão é filmada durante a pausa de um concerto. Nada há para ver a não ser tédio, espaços sem coordenadas, atores sem hierarquia ou vida sem exaltação.

Na obra *Horizons of the World*, também incluída nesta mostra, as páginas dos jornais são percorridas com a mesma neutralidade e justaposição com que a obra anterior aborda pessoas e contextos. Aqui tudo é nivelado num mesmo plano – o rosto de um símio, uma notícia sobre o presidente da Turquia, outra sobre protestos de indígenas no Canadá. Numa das duas colagens expostas, vemos emigrantes naufragados e agarrados a uma rede de pesca.

MARIE JOSÉ BURKI, UM CÃO NA ESTRADA QUANDO PASSA O CAMINHANTE, 2017 © CORTESIA DA ARTISTA E DA GALERIA ALBERT BARONIAN





MARIE JOSÉ BURKI, SEM TÍTULO, 2017

Na obra exposta *Un Chien sur la route...* as protagonistas são anti-heroínas, percebidas em quietude contemplativa e torpor absoluto; em *AOS*, o tempo passa veloz pelas jovens que rodam sobre si próprias enquanto Burki lhes fotografa a cabeça de vários pontos de vista, sugerindo um arquétipo de juventude.

Noutra obra apresentada, as cópias em gesso de estátuas da Antiguidade que filmou e fotografou em depósitos de Versalhes e que terão sido utilizadas para aulas de modelo em escolas de arte de Paris, até aos anos 60, interpelam os fundamentos remotos da nossa cultura visual, e as noções de cópia, modelo, acumulação e repetição (imagem nesta página).

Esta exposição é uma adaptação de um projeto da artista realizado este ano para o Centre régional de la photographie Nord Pas-de-Calais, em Douchy les Mines, e para o Kunsthhaus Pasquart de Bienne, na Suíça.

MARIE JOSÉ BURKI
ÀS VEZES SOMBRA,
ÀS VEZES LUZ

Curadoria: Leonor Nazaré

Museu Calouste Gulbenkian
Coleção Moderna – Espaço Projeto

Até 20 novembro

13 Novas exposições

Entre o Céu e a Terra

O primeiro dos três núcleos temáticos propostos pela Gulbenkian Música 17/18 apresenta um programa de sete concertos atravessado por uma busca de espiritualidade e transcendência que, por vezes, só a música consegue transmitir. Os concertos realizam-se no Grande Auditório e no Panteão Nacional.



LUDOVICE ENSEMBLE © D.R.

O Barroco Sefardita

Ludovice Ensemble

2 out, 21h, Grande Auditório

Dirigido por Miguel Jalôto, o Ludovice Ensemble apresenta peças de compositores das comunidades sefarditas estabelecidas um pouco por toda a Europa após a expulsão dos judeus de Portugal em 1496. Serão tocadas obras de Salomone Rossi, Carlo Grossi, Leonora Duarte, Louis Saladin, Abraão Casseres, Cristiano Giuseppe Lidarti e anónimos da Sinagoga Portuguesa de Amesterdão.

Suites para Violoncelo de Bach

Antonio Meneses

9/10 out, 21h, Grande Auditório

Expressão máxima do génio do compositor, as seis Suites para Violoncelo Solo de J. S. Bach sugerem, para muitos, um sublime diálogo interior com o divino. As interpretações de Antonio Meneses, o solista convidado para este programa, têm merecido um amplo aplauso da crítica especializada. Dois recitais imperdíveis.



ANTONIO MENESES © MARCO BORGGREVE

MAGDALENA KOŽENÁ © CEMA – OLEG ROSTOVTSSEV



Entre o Céu e o Inferno Magdalena Kožená

8 out, 20h, Grande Auditório

Este concerto propõe um singular diálogo entre a música barroca e o flamenco. A meio-soprano checa Magdalena Kožená junta-se à Companhia de Flamenco Antonio El Pipa, o grande herdeiro do flamenco puro, e ao coletivo de música barroca espanhola Private Musicke para um encontro que promete surpreender.



WAED BOUHASSOUN © MCM - FRANÇOIS GUENET

Música Síria para Canto e Oud

Waed Bouhassoun

11 out, 21h, Panteão Nacional

Uma das grandes figuras da música síria, que gravou com Jordi Savall o disco *Orient Occident II: Hommage à la Syrie* em 2013, vai atuar no Panteão Nacional, um cenário perfeito para apreciar a qualidade envolvente da sua música e o raro timbre da sua voz. A cantora atua a solo com o seu instrumento de cordas (oud) num concerto único.

Stimmung de Stockhausen **Coro Gulbenkian**

12 out, 21h, Panteão Nacional

Ainda no Panteão Nacional, o Coro Gulbenkian interpreta, *a capella*, a obra *Stimmung*, de Stockhausen, uma peça meditativa, inspirada nos rituais da civilização Maia e Azteca e que o compositor escreveu após uma viagem ao México, em 1968. A direção artística está a cargo de Pedro Amaral.



© D.R.



HOURLIA AICHI © D.R.

Cantos Sacros da Argélia

Houria Aichi

13 out, 21h, Grande Auditório

Os cantos sacros da Argélia estarão em destaque pela voz de Houria Aichi, que dedicou os últimos anos a uma exaustiva recolha de temas do repertório do seu país. Neste concerto, Aichi é acompanhada de um trio de músicos argelinos: Mohamed Abdenmour (mandole), Ali Bensadoun (flauta) e Adhil Mirghani (percussões).

3ª sinfonia de Górecki

Elisabete Matos

15 out, 18h, Grande Auditório

Uma década depois do seu último concerto na Gulbenkian Música, a soprano portuguesa Elisabete de Matos canta a 3.ª sinfonia de Górecki, uma obra inspirada na religiosidade e na música popular polaca. Com o Coro e Orquestra Gulbenkian dirigidos por Joana Carneiro, este concerto inclui ainda duas peças encomendadas pelo Santuário de Fátima, *Salve Regina* de Eurico Carrapatoso e *The Sun Danced* de James MacMillan.



ELISABETE MATOS © D.R.

Novas bolsas oferecem formação desenvolvida na Google

A Fundação Calouste Gulbenkian lança este mês um novo programa de bolsas – **Bolsas Gulbenkian Mais** – dirigido a estudantes de todo o país, que estão a candidatar-se pela primeira vez à universidade, com uma média de entrada superior a 18 valores. Estas bolsas apoiam os jovens com as melhores notas e menos recursos financeiros, permitindo-lhes o acesso a uma formação certificada em inteligência emocional e liderança, desenvolvida e testada na Google. Mais do que uma bolsa, este é um programa de aceleração, que prepara os estudantes para carreiras de sucesso, onde terão também acesso a mentores e a sessões de *networking* com outros bolseiros Gulbenkian.

“Para além das competências profissionais, hoje é fundamental ter instrumentos para o relacionamento interpessoal, para o trabalho em equipa, para a mudança”, sublinha Margarida Abecasis, responsável pelas Bolsas Gulbenkian. As chamadas *softs skills* (competências pessoais ou transversais) têm grande relevância num mundo em constante transformação, cada vez mais competitivo. “Sabemos que, há 50 anos, uma pessoa podia manter-se no mesmo posto de trabalho até ao momento em que se reformava. Hoje, em termos internacionais, os valores já vão em dez mudanças ao longo da vida ativa. Existe uma grande mobilidade e isso vai verificar-se cada vez mais. Há novas áreas de atividade, são necessárias novas formas de pensar e de agir, o que implica outro nível de competências.”

Search inside Yourself

A Bolsa Gulbenkian Mais vai permitir acelerar o desenvolvimento pessoal e profissional dos bolseiros através de um programa certificado de inteligência emocional e liderança, desenvolvido e testado na Google. Foi na gigante tecnológica que nasceu o programa Search inside Yourself [Procura dentro de Ti], quando, em 2007, um dos engenheiros e pioneiros da empresa juntou especialistas em *mindfulness*, neurociências e inteligência emocional para desenvolverem um programa de formação interna. Tornou-se rapidamente a formação mais popular dentro da empresa. Em poucos anos, outras empresas quiseram explorar o mesmo caminho e assim nasceu o Search Inside Yourself Leadership Institute (SIYLI), que hoje dá formação certificada a organizações (com e sem fins lucrativos) em todo o mundo.

Inquéritos realizados com estudantes universitários que já fizeram esta formação revelam que, no final deste programa, 89 por cento dos inquiridos conseguiram reduzir o *stress*, 91 por cento conseguiram aumentar a sua “clareza mental”, 79 por cento conseguiram

“São necessárias novas formas de pensar e de agir, o que implica outro nível de competências”

“Mais do que uma bolsa, este é um programa de aceleração, que prepara os estudantes para carreiras de sucesso”

umentar os níveis de energia, 91 por cento aumentaram a sua capacidade de manter a calma perante situações de adversidade e 85 por cento aumentaram a capacidade de se relacionar com outras pessoas na universidade.

Esta formação certificada, que normalmente tem um custo para os formandos que pode ascender a centenas de euros, será para os bolsеiros um complemento da formação académica, que irá distingui-los em termos curriculares. “Pode ter um impacto de curto, médio e longo prazo. O que vamos proporcionar aos bolsеiros são mais competências, preparando-os para a vida académica e para os desafios futuros no mundo de trabalho”, assegura a responsável da Fundação Gulbenkian.

Mentores na rede de bolsеiros

Pretende-se que, durante o período da bolsa e ao longo da sua carreira, os bolsеiros construam ligações de ajuda e um sentimento de pertença a uma vasta rede, através de sessões de *networking* com novos e antigos bolsеiros Gulbenkian que são já cerca de 45 mil, desde que a Fundação Gulbenkian começou a atribuir bolsas a estudantes portugueses, em 1956. No âmbito deste novo programa, os bolsеiros mais antigos podem tornar-se mentores dos mais jovens, reforçando valores como a camaradagem, a não-competição, a ajuda e a partilha.

Promovendo a igualdade de oportunidades, a Bolsa Gulbenkian Mais poderá ser renovada anualmente, até ser atingido o grau de mestrado, desde que o bolsеiro obtenha um bom desempenho académico durante o período de estudos na universidade.

Candidaturas até 23 de outubro de 2017. Regulamento e mais informações: gulbenkian.pt/bolsas-gulbenkian-mais



Inovar na escola e pela escola

No dia 23 de outubro, a Conferência Internacional de Educação Inovação: na Escola e pela Escola vai abordar questões relacionadas com a criatividade e a inovação, o impacto das novas tecnologias e as novas formas de pensar o paradigma do ensino. Linda Nathan (Harvard) e Vijay Kumar (MIT) são os principais oradores.

A inovação e a evolução causadas pelas mudanças tecnológicas e pelas mais recentes descobertas no campo das ciências conduzem, naturalmente, a mudanças inevitáveis nos processos de ensino e aprendizagem, desafiando a escola a reanalisar o sistema educativo e a definir meios para acompanhar o ritmo de mudança e de progresso. Por este motivo, o tema da Conferência Internacional de Educação deste ano, na Fundação Calouste Gulbenkian, desdobra-se em duas áreas-chave — a Educação Artística e as Ciências e Tecnologias —, procurando salientar, através do foco na inovação e na sua importância, quer para os setores tecnológico e económico, quer para todos os aspetos da vida social e cultural, a relação crítica entre as ciências e as artes, ligadas por laços comuns de criatividade e inovação.

Os recentes desenvolvimentos das neurociências têm mostrado como os sentidos e as emoções contribuem para o conhecimento, a compreensão e o pensamento construtivo. As artes, sob múltiplas formas de expressão criativa, permitem-nos desenvolver competências sociais e emocionais, não cognitivas, em paralelo com o desenvolvimento de ideias criativas e soluções inovadoras para problemas complexos, tornando-se assim cada vez mais necessário que a escola valorize a educação artística e lhe conceda um papel mais relevante na formação integral das crianças e dos jovens. A inteligência emocional e a importância da educação artística serão temas tratados por Linda Nathan, da Harvard University e antiga diretora da Boston Arts Academy, às 10h, numa conferência intitulada *Criatividade, inovação e arte na Educação: um caminho a seguir*. Pelas 11h, as oradoras Maria Helena Rodrigues, professora da FCSH da UNL e coordenadora dos projetos Opus Tutti e GerminArte, Ana Pereira Caldas, antiga presidente da Escola de Dança do Conservatório e coordenadora do projeto Educação Artística para um Currículo de Excelência, e Manuela Encarnação, presidente da Associação Portuguesa de Educação Musical e coordenadora do projeto Cantar Mais, debaterão também *As artes na Educação*, numa sessão moderada por Manuel Carmelo Rosa.



Aprendizagens flexíveis

O tema controverso do ensino das ciências e do impacto das novas tecnologias – onde se incluem as novas tecnologias emergentes como a inteligência artificial e a robótica, o uso da internet no ensino, a mudança tecnológica nas políticas públicas da Educação e o surgimento de conceitos como “aprendizagem flexível” – será tratado por Vijay Kumar, especialista do MIT em inovação educacional sustentável e tecnológica, na sessão das 16h30, com o título *Inovar o novo modelo de oportunidade educativa através da aprendizagem digital*. Mas, a precedê-la, na sessão das 14h30, será feita a introdução do tema *Ciências e Tecnologia na Educação*, com a participação de Manuel Sobrinho Simões, professor catedrático da Universidade do Porto, médico e cientista, Arlindo Oliveira, presidente do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa (IST), e Mário Figueiredo, professor catedrático do IST e investigador do Instituto de Telecomunicações. António Costa e Silva, um dos comissários da conferência juntamente com Manuel Carmelo Rosa, será o moderador desta sessão.

Para mais informações sobre o programa completo da conferência, consultar gulbenkian.pt.

Prémio Vasco Vilalva

Até 30 de outubro estão abertas as candidaturas ao Prémio Vasco Vilalva, que distingue intervenções exemplares em bens móveis e imóveis de valor cultural que estimulem a preservação e a recuperação do património.

Assinalando os dez anos de vigência do Prémio Vasco Vilalva, a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu iniciar um novo ciclo de cinco anos, permitindo dar ênfase, em cada ano, a projetos relacionados com determinado tipo de bens patrimoniais. Esta edição terá como tema de destaque os Jardins. No valor de 50 mil euros, o Prémio Vilalva foi criado pela Fundação em homenagem ao filantropo Vasco Vilalva.

Informações em gulbenkian.pt/iniciativas/premios.

Vidas Ubuntu

A Academia de Líderes Ubuntu, que já transformou a vida de centenas de jovens, foi eleita como “projeto exemplar” pela Comissão Europeia.

Desenvolvido pelo Instituto Padre António Vieira e apoiado, desde o início, pela Fundação Calouste Gulbenkian, o projeto Academia de Líderes Ubuntu (ALU) foi recentemente indicado pela Comissão Europeia como um caso exemplar de boas práticas em toda a Europa. Distinguido entre 114 projetos no âmbito do trabalho com jovens e na área da aprendizagem do empreendedorismo em toda a Europa, a ALU foi o único “caso de estudo” de sucesso considerado na Península Ibérica.

Lançado em 2010, este é um projeto de capacitação de jovens com elevado potencial de liderança, provenientes de contextos de exclusão social ou com aptidão para aí trabalharem. Seguindo uma metodologia de educação não formal, o projeto põe em prática o Método Ubuntu, que deriva do conceito “Eu sou porque tu és / eu só posso ser pessoa através das

outras pessoas”, dando particular atenção a cinco dimensões de formação: o autoconhecimento, a autoconfiança, a resiliência, a empatia e o serviço.

Os modelos de referência têm uma importância central neste projeto: os participantes estudam e refletem sobre a história de vida de líderes com projeção mundial como Nelson Mandela, Martin Luther King, Mahatma Gandhi, Madre Teresa de Calcutá, Desmond Tutu, Malala Yousafzai e Aristides de Sousa Mendes. Através das suas metodologias e ferramentas inovadoras, a ALU contribui para a aquisição de competências dos jovens, ajudando-os a alcançar os seus desafios pessoais e a afirmar-se como agentes de transformação no seio das suas comunidades. Mamadú, Eugénia e Sofia são apenas três histórias no universo de líderes que a Academia já formou.



“Permitiu-me encontrar um modo de vida”

Mamadú Saibana Baldé, 31 anos

‘Tchintchor’ é uma ave migratória da Guiné-Bissau e é também o nome de um projeto aí lançado em 2012, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento do país, apoiando os jovens da Guiné-Bissau. Um dos fundadores e dinamizadores do Tchintchor, que entretanto ganhou estatuto de ONG, foi Mamadú Saibana Baldé, nascido na Guiné-Bissau, um país que há pouco menos de duas décadas viveu uma guerra civil. Aos 17 anos, Mamadú veio para Lisboa para fazer a licenciatura em Estudos Africanos e simultaneamente desenvolveu vários trabalhos de voluntariado. Participou na 1.ª edição da ALU (2010/2012), que o inspirou a regressar à Guiné-Bissau, dez anos depois de ter partido. Tchintchor é uma espécie de *spin-off* da Academia Ubuntu em Portugal, uma experiência que foi “marcante” para o jovem gestor de projetos sociais. “A Academia permitiu-me encontrar um modo de vida”, diz Mamadú Saibana Baldé, que assumiu a missão de “fazer a ponte onde ela for necessária”. “Hoje, sou por opção uma pessoa que vive a filosofia ubuntu e uso-a como ferramenta para transformar o mundo.”

“A liderança mais difícil é sermos líderes de nós próprios”

Eugénia Costa Quaresma, 42 anos

É a primeira mulher e leiga a assumir a direção do Secretariado Nacional da Mobilidade Humana e da Obra Católica Portuguesa de Migrações, um departamento da Conferência Episcopal Portuguesa que durante mais de 50 anos foi liderado por homens religiosos. A sua nomeação, em 2014, aconteceu “inesperadamente”, diz Eugénia Costa Quaresma, que trabalhava há mais de dez anos com o organismo que lhe trouxe este reconhecimento. “Desde o início que o sentido de responsabilidade foi grande, mas lembro-me de ter pensado que a Academia [de Líderes Ubuntu] me tinha preparado para isto: para a gestão das expectativas, para cultivar a proximidade com aqueles que sou chamada a servir.” Nascida em Lisboa, filha de pais são-tomenses, Eugénia teve uma educação cristã e depois da licenciatura especializou-se em Teorias e Técnicas Psicopedagógicas. Em 2010, participou na 1.ª edição da ALU, num grupo que integrava outros filhos de imigrantes. “Encontrei-me com a diversidade cultural africana, religiosa e reconciliei-me com as identidades que em mim coexistem”, revela. “Aprendi que a liderança mais difícil é sermos líderes de nós próprios.”



“Não somos «treinadores de bancada»”

Sofia Mexia Alves, 31 anos

No ano passado, partiu em missão para a ilha grega de Lesbos, porta de entrada na Europa para muitos milhares de refugiados que atravessam o Mediterrâneo. Sentiu que era urgente trabalhar com um grupo particularmente vulnerável nos campos de refugiados: os adolescentes e os jovens. “A fragilidade e os riscos aumentam a cada dia que não vão à escola, que não têm um trabalho, uma ocupação, deixando que a revolta, a insatisfação, o tédio, a tristeza e por vezes a depressão tomem conta dos dias”, diz Sofia Mexia Alves, que aos 20 anos começou a fazer voluntariado fora do país. Esteve em Angola, Moçambique e Cabo Verde. Formada em Psicologia, Sofia foi uma das participantes da 3.ª edição da Academia (2015/2016), no Porto, onde encontrou “pessoas que se importam com o estado das coisas e que procuram, de forma ativa, transformar a realidade. [Na Academia] não somos ‘treinadores de bancada’, não nos limitamos a queixar-nos e a deixar passar”. Um ensinamento que aplicou na Grécia, com um grupo de cerca de 20 rapazes e raparigas, de cinco países diferentes. “Eram três tardes por semana em que falávamos das coisas mais dramáticas até às mais leves e cómicas, vimos filmes e fizemos debates, falámos sobre problemas comunitários e mundiais, partilhámos as nossas histórias de vida, explorámos os nossos talentos e desafiámos os nossos medos”, conta.

Fundações e Comissão Europeia estreitam colaboração



A perspetiva de uma maior articulação entre a Comissão Europeia e as fundações europeias que apostam na investigação esteve no centro do encontro em Bruxelas, no dia 15 de setembro, entre a presidente da Fundação Calouste Gulbenkian e o comissário europeu para a Investigação, Ciência e Inovação, Carlos Moedas.

Além de Isabel Mota, pela Fundação Gulbenkian, estiveram presentes outros presidentes e representantes de fundações como a Gates, a Volkswagen, Wellcome Trust e Champalimaud. À luz dos projetos comuns que já existem, no âmbito do programa Horizonte 2020, a intenção do comissário europeu é tornar esta colaboração entre fundações e Comissão Europeia ainda mais eficaz, contribuindo para a definição de uma agenda comum em que todos possam participar.

Isabel Mota no Hague Club

A presidente da Fundação Calouste Gulbenkian integra desde setembro o Hague Club, uma associação de presidentes e diretores executivos de fundações que atua como uma plataforma informal de discussão de questões relevantes para a gestão de fundações privadas de âmbito internacional, bem como sobre o papel da filantropia na sociedade contemporânea.

Esta associação distingue-se de outras associações representativas do sector fundacional, como o European Foundation Centre, por reunir os membros diretivos, em nome individual, e não as fundações no seu conjunto. Entre os seus membros, estão alguns representantes das maiores fundações mundiais como a Rockefeller Foundation, Wellcome Trust, Nobel Foundation e Volkswagen Foundation.

Wim Wenders na Fundação Gulbenkian

O cineasta alemão Wim Wenders vai estar na Fundação Calouste Gulbenkian no **dia 24 de outubro** para receber o Prémio Europeu Helena Vaz da Silva para a Divulgação do Património Cultural. De acordo com o Centro Nacional de Cultura, que atribui o prémio em cooperação com a Europa Nostra, o autor de filmes como *Paris, Texas* (1984), *As Asas do Desejo* (1987) e *Lisbon Story* (1994), venceu esta edição do Prémio pelo seu “contributo excecional para a comunicação da história multicultural da Europa e dos ideais europeus”.

Conceituado cineasta, produtor, fotógrafo e autor alemão, Wim Wenders participa regularmente em debates sobre assuntos europeus e tem contribuído para a iniciativa “Uma Alma para a Europa”, que liga cidadãos e instituições democráticas europeias com o objetivo de promover o sentido de responsabilidade pelo futuro da Europa e pela democracia através da cultura.



WIM WENDERS © PETER LINDBERGH

Um estudo sobre o Trabalho e o Emprego

Apresentado em setembro na Fundação Gulbenkian, o livro *Trabalho e Políticas de Emprego: um retrocesso evitável* é o resultado de um estudo coletivo realizado pelo Observatório sobre Crises e Alternativas (apoiado pela Fundação desde 2013), do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, coordenado por Manuel Carvalho da Silva, Pedro Hespanha e José Castro Caldas. Este livro procura analisar aspetos relacionados com o trabalho e o emprego à luz dos acontecimentos dos últimos anos que passam pela crise financeira, o seu impacto e as políticas traçadas depois da intervenção da *troika*.

Numa sessão em que estiveram presentes, além dos autores, os presidentes da Assembleia da República e do Conselho Económico e Social, a presidente da Fundação Gulbenkian elogiou a relevância da obra “para a definição de políticas de emprego competitivas” para o nosso país. Isabel Mota defendeu que é preciso “apostar em mais conhecimento, maior variedade de competências a adquirir ao longo da vida e mais iniciativa, de forma a promover a empregabilidade, e assim a mobilidade social e a produtividade”.

Mulheres nas Artes: Percursos de Desobediência

16 e 17 de outubro

Uma conferência da libanesa Joumana Haddad, autora do livro Eu Matei Xerazade: Confissões de Uma Mulher Árabe em Fúria, e a antestrela do novo filme da realizadora britânica Sally Potter, The Party, destacam-se no encontro internacional que este mês vai debater na Fundação Calouste Gulbenkian o que tem sido a afirmação das mulheres na literatura, na música, no cinema, nas artes visuais e nas artes de palco.

JOUMANA HADDAD © LARS KRABBE



“Qualquer forma de criação nasce da desobediência, isto é, da capacidade de questionar o que existe”, dizem Inês Pedrosa e Patrícia Reis, comissárias de *Mulheres nas Artes: Percursos de Desobediência*. No texto de apresentação deste encontro que se realiza em outubro, relembram também que “a metade feminina da humanidade esteve aparentemente confinada ao silêncio e à obediência até há pouco mais de cem anos”, evocando Clarice Lispector e Virginia Woolf como símbolos de uma contracultura de resistência. Assim é dado o mote para várias questões que se querem discutidas ao longo de dois dias, num encontro internacional que junta cerca de duas dezenas de artistas e que se desdobra entre palestras, debates, e “conversas de vida”, entre outros eventos.

Com uma voz lúcida e desassomburada, a escritora e jornalista libanesa Joumana Haddad (Beirute, 1970), que lançou, em 2009, a revista em árabe *Jasad* sobre o corpo, é a conferencista convidada deste encontro. Haddad tem-se dedicado a destruir os tabus e equívocos sobre criatividade, arte e relação entre homens e mulheres, tanto no Oriente como no Ocidente. Estará em Lisboa para o lançamento da tradução portuguesa do seu livro *Eu Matei Xerazade: Con-*



STILL DE THE PARTY, DE SALLY POTTER

fissões de Uma Mulher Árabe em Fúria (editora Sibila), que será apresentado pelo poeta e ensaísta Nuno Júdice. Na sua palestra (16 outubro, 18h, Auditório 2) falará sobre o que significa ser hoje uma mulher árabe. Para Joumana Haddad, não faz sentido que a antiquíssima figura literária de Xerazade, uma sedutora que tem a vida suspensa da sua habilidade de manter um homem interessado nela, continue a representar a realidade e a atitude das mulheres árabes.

Conversas de vida

Três figuras marcantes da cultura portuguesa serão homenageadas no segmento “Conversas de Vida”: Lídia Jorge (16 outubro, 12h), Maria Teresa Horta (16 outubro, 17h), e Graça Morais (17 outubro, 11h30); esta última teve recentemente os seus trabalhos de pintura e desenho expostos na Fundação Gulbenkian em Paris. As obras de Clarice Lispector e de Fiama Hasse Pais Brandão também serão evocadas neste encontro, pelas vozes da poeta Filipa Leal e da atriz e encenadora Natália Luiza.

Nas mesas de debate, o painel sobre literatura conta com a participação da escritora cubana Karla Suarez, de Maria Manuel Viana e de Tatiana Salem-Levy. Para falar sobre cinema são convidadas Leonor Teles, Patrícia Vasconcelos e Rita Blanco. Ana Pérez-Quiroga, Ana Vidigal e Sofia Areal integram o painel sobre artes visuais, e Ana Sofia Martins, Olga Roriz e São José Lapa sobre artes do palco. Ainda sobre música falarão Anne Victorino d’Almeida, Aldina Duarte e Mafalda Veiga. As conferências de abertura e encerramento do encontro caberão, respetivamente, a Guilherme d’Oliveira Martins e a Rui Zink.

Mulheres nas Artes: Percursos de Desobediência será marcado também pela antestreia de *The Party* (16 outubro, 21h30, Grande Auditório), o novo filme de Sally Potter, realizadora do premiado *Orlando* (1992), entre outros filmes memoráveis. Com um elenco de luxo, que inclui Patricia Clarkson, Bruno Ganz, Timothy Spall, Cillian Murphy e Kristin Scott Thomas, o filme acompanha uma celebração entre amigos – a anfitriã acaba de ser nomeada para um novo cargo político –, mas a festa acaba em tragédia, depois de algumas revelações dramáticas. Estreado no Festival de Berlim, o filme é descrito por Sally Potter como uma “comédia política” e poderá ser visto em Portugal, em primeira mão, na Fundação Gulbenkian. A entrada é livre, sujeita a levantamento de bilhete e à lotação do espaço.

Programa completo em gulbenkian.pt

Novas atividades para Descobrir

Os dias começam a ficar mais frescos, mas isso não é razão para ficar em casa. O Descobrir tem ainda muitas sugestões divertidas para todas as idades, desde as oficinas para os mais pequenos às atividades para os adultos e para toda a família.

O último trimestre de 2017 tem uma programação repleta de atividades para jovens e adultos, as quais passam por novas exposições temporárias, visitas orientadas, cursos, conferências, concertos e outros projetos.

No mês de outubro, a Biblioteca de Arte participa no projeto *LivrObjecto – Anatomia e Arquitetura*, que pretende abordar o “objeto livro, criado ou alterado pela visão ampliada de artistas plásticos e outros criativos”, de acordo com a sua autora, Inês Correia. (ver p. 30).

No Museu Calouste Gulbenkian, há também inúmeras visitas orientadas, conversas e palestras associadas às quatro exposições para visitar entre outubro e dezembro. Destacamos a conversa com os curadores de *Ana Hatherly e o Barroco* (14 de outubro e 13 de dezembro); *Do Outro Lado do Espelho* (28 de outubro, 15 de novembro e 3 de dezembro); *Marie José Burki* (18 de outubro); e *O Olho Zoomórfico* (16 de dezembro); assim como as conversas com os artistas de *Do Outro Lado do Espelho* Paulo Mendes (18 de novembro) e Rui Sanches (16 de dezembro).





Além dos já habituais Concertos Promenade, no primeiro domingo de cada mês, destacamos ainda o concerto de domingo *Pedro e o Lobo* e *O Carnaval dos Animais*, a 3 de dezembro, que contará com composições de Sergei Prokofiev e de Camille Saint-Saëns, interpretadas pela Orquestra Gulbenkian. Por fim, recomendamos os Guias de Audição, que, através de comentários e de excertos musicais, lhe oferecem mais informações acerca dos concertos da temporada, com entrada livre.

Para as crianças e famílias

Entre outubro e março do próximo ano, as crianças também têm muitas atividades para experimentar na Fundação. Destacamos, por exemplo, as habituais oficinas de Natal (18 a 21 de dezembro) e de Páscoa (26 a 29 de março), concebidas para crianças de várias faixas etárias, com diversos temas e formatos, que vão das artes plásticas ao desenho, à dança e ao movimento.

Para a família, as propostas não faltam. Além de várias oficinas a decorrer em paralelo com as exposições do Museu e com as coleções permanentes, temos uma programação especial no dia 3 de dezembro, intitulada *Todos somos outros*. Ao longo de todo o dia, a partir das 10h30, através de visitas, oficinas e jogos, vamos descobrir mais sobre nós e sobre os outros, explorando os conceitos de identidade, diversidade e igualdade. A 25 de março assinala-se a chegada da primavera, com várias atividades que se desenrolam em torno do tema *Se os dias fossem maiores*. Convidamo-lo a festejar connosco o regresso dos dias mais compridos com oficinas, visitas, conversas, e até um banquete.

Para saber mais sobre toda a programação desta temporada, consulte gulbenkian.pt/descobrir.

Celebrar os Livros de Artista



LOURDES CASTRO, LIVRO DE COZINHA, 1961

Um conjunto de 45 livros de artista da autoria de Lourdes Castro (n. 1930) vai ficar em depósito a longo prazo na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, enriquecendo substancialmente o seu acervo. Este conjunto fez parte da exposição *Lourdes Castro: Todos os Livros*, realizada na Fundação Gulbenkian, em 2015, com curadoria de Paulo Pires do Vale. Lourdes Castro é um dos nomes marcantes da arte portuguesa da segunda metade do século XX, com uma produção notável de livros de artista. As obras agora em depósito foram realizadas entre 1956 e 1984, são praticamente todas exemplares únicos e entre elas contam-se *A História da minha flor* (1957), *R. M. Rilke: Klage* (1957); *Herberto Helder* (1958); *Paul Éluard: L'Amoureuse* (1958); *Livro de Cozinha* (1961); *Cahier de conversation* (1966); *Un autre livre rouge* (1974) e *Quinta do Monte: observações quotidianas quando calhar* (1984).

O livro de artista como experiência

Tendo também o livro de artista como pano de fundo, a Biblioteca de Arte associou-se ao projeto *LivrObjeto – Anatomia e Arquitectura* que, a partir de setembro, promove uma série de exposições e de encontros em diversas bibliotecas e galerias de Lisboa, com o objetivo de debater a experiência visual e tátil do Livro. Na Biblioteca de Arte os eventos começam no dia 3 de outubro, com a inauguração de uma mostra de livros de artista no átrio e dentro da sala de leitura, seguida por uma conversa, com início às 17h00, sobre o tema *Livros e Leitura*, com a presença de vários especialistas. Participam Inês Correia, coordenadora do projeto *LivrObjeto* e conservadora de manuscritos e livros antigos; Ana Barata, bibliotecária da Biblioteca de Arte e Arquivos Gulbenkian; Ana João Romana, artista e professora na ESAD.CR; Catarina F. Cardoso, colecionadora de livros e edições de artista; Filipa Valadares, editora e responsável pela livraria STET; e Paulo Pires do Vale, curador. A entrada é livre, sujeita aos lugares disponíveis. Nos dias 11, 18 e 25 de outubro, sempre às 16h45, realizar-se-ão *Leituras Orientadas* por autores de Livros de Artista da coleção da Biblioteca de Arte: Isabel Baraona (dia 11); Vítor Pires Vieira (dia 18); e Carla Rebelo (dia 25).

Nova edição da obra de Maria Helena da Rocha Pereira

Foi publicada a 12.^a edição do I volume – Cultura Grega – da obra Estudos de História da Cultura Clássica, que em breve será integrado num único livro com o II volume (dedicado à Cultura Romana) na série Cultura Portuguesa do Plano de Edições Gulbenkian.

Licenciada e doutorada pela Universidade de Coimbra, Maria Helena da Rocha Pereira, falecida a 10 de abril de 2017, tornou-se uma figura cimeira dos Estudos Clássicos, com um vasto reconhecimento internacional pelo trabalho que desenvolveu neste domínio científico. Após longos anos de colaboração com a Fundação Gulbenkian, no âmbito da sua atividade educativa e em especial com o Plano de Edições, em que traduziu diversas obras clássicas gregas e latinas, é agora publicada a 12.^a edição do I volume – *Cultura Grega* – da obra *Estudos de História da Cultura Clássica*, cuja 1.^a edição data de 1965. De entre as mais de 300 obras publicadas da sua autoria, destacam-se, além dos dois volumes desta obra, as compilações de textos gregos e latinos (*Hélade e Romana*), e as traduções que fez das grandes tragédias de Sófocles e Eurípides.

Tal como definido no prefácio, assinado pela própria Maria Helena da Rocha Pereira, o livro “destina-se principalmente a servir de guia aos estudantes universitários da cadeira de História da Cultura Clássica” e procura “incutir nos estudantes a preocupação de serem exatos e o receio de preencherem, com um aparatoso sistema de hipóteses, as muitas lacunas que temos no conhecimento da Antiguidade Clássica”. Trata-se de uma edição revista e atualizada, em relação à 11.^a, “na sequência do aparecimento de novas teorias e descobertas arqueológicas e epigráficas que, em muitos casos, alteraram profundamente o que se tinha por dados adquiridos”, segundo nota a autora. Dividido em sete capítulos, o livro procura



MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA © LUÍS EFICÊNIO

fazer um enquadramento geográfico e histórico da cultura grega, passando dos poemas homéricos à época arcaica e incluindo ainda uma análise à arte da época, em apêndice. Numa escrita acessível e sistematizada, a autora expõe o seu vasto conhecimento com duas finalidades: “difundir o conhecimento da Antiguidade Greco-Latina” e “facilitar aos nossos estudantes a sua preparação académica”.

Este manual universitário será brevemente editado sob a forma de volume único, juntamente com o II volume (editado em 2009), na série Cultura Portuguesa do Plano de Edições, de que fazem parte obras de autores portugueses que mais se evidenciaram pela singularidade e autenticidade do seu contributo para a cultura portuguesa e universal, como é o caso desta valiosa obra de Maria Helena da Rocha Pereira.

Energia fotovoltaica no futuro de Moçambique

Rosa Chilungo tem 34 anos, é moçambicana, aluna da primeira edição do doutoramento em Ciência de Tecnologia de Energia da Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique, entidade parceira da Fundação Calouste Gulbenkian desde há décadas. Ao longo de seis meses, Rosa Chilungo esteve no Instituto Superior Técnico, ao abrigo do programa de estágios científicos apoiado pela Fundação e pela REN – Redes Energéticas Nacionais e que tem como objetivo a internacionalização dos investigadores moçambicanos e o contacto com a ciência e as ferramentas usadas fora do seu país.

Docente de Física e Eletrónica da Universidade Pedagógica de Moçambique, Rosa Chilungo, que foi um dos quatro doutorandos escolhidos por aquele programa de estágios, não hesita em elogiar a experiência: “A internacionalização e o contacto com outro tipo de investigadores é muito importante. Entender a dinâmica da ciência noutros lugares, com uma maior disponibilidade e melhor gestão do tempo, é muito útil.”

A investigação de Rosa Chilungo consiste no desenvolvimento e avaliação do potencial dos sistemas fotovoltaicos na irrigação, no caso específico dos campos de plantação de tomate. “O excedente da produção do tomate é desperdiçado”, explica, “não há formas de conserva, nem sistemas de refrigeração e poucos sistemas de processamento. O objetivo é usar a energia restante nesse sentido, para as épocas de menor produção.”

Apesar de estar a trabalhar diretamente na cultura do tomate, a investigadora admite que, “ao estar próximo de povoações, o que resta da energia usada para irrigação pode servir para uso doméstico do agricultor”.

Em Moçambique, só cerca de 27 por cento da população tem acesso a energia elétrica, um nível de eletrificação muito baixo que se deve à elevada dispersão da população. “Prolongar a rede elétrica, de modo a fazê-la chegar às áreas rurais mais remotas,



ROSA CHILUNGO © MÁRCIA LESSA

é muito dispendioso, para um consumo que é muitas vezes mínimo, como uma lâmpada, um rádio ou uma televisão”, diz. Para Rosa Chilungo, a energia fotovoltaica reveste-se de enorme importância no seu país, uma vez que pode ser usada de forma descentralizada, em pequenos sistemas autónomos, que permitem alimentar uma casa, ou uma pequena rede para servir uma comunidade.

Atualmente, já trabalha com o núcleo de eletrónica e de energias renováveis da Universidade Pedagógica, onde desenvolve projetos de eletrificação rural e promoção de acesso a energia de baixo custo, através de sistemas fotovoltaicos. Moçambique tem feito grandes avanços na área de sistemas descentralizados, com o Fundo Nacional de Energia e o Atlas das Energias Renováveis, onde estão sinalizadas as zonas com diferentes tipos de potencial de energias renováveis. Rosa Chilungo saúda as melhorias e quer continuar a investigar e a resolver problemas concretos no seu país. “Quero avançar para *post doc*, mesmo que seja numa universidade fora, mas o campo experimental, de estudo e de resolução de problemas, deve ser Moçambique.”

E se o peixe-zebra ajudasse no tratamento do cancro?

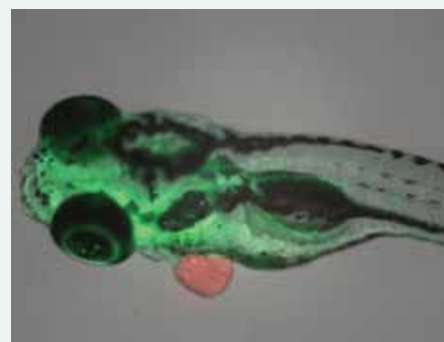
Um estudo publicado na revista Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS) mostra que as larvas de peixe-zebra poderão vir a ser usadas para prever a resposta dos tumores malignos às diversas quimioterapias habitualmente utilizadas, deixando em aberto a possibilidade de recorrer às larvas deste animal para escolher, em menos de duas semanas, o melhor tratamento para pacientes com cancro.

Miguel Godinho Ferreira e Rita Fior, investigadores do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC, Oeiras) e do Centro Champalimaud (CCU, Lisboa) decidiram investigar se seria possível escolher o tratamento de quimioterapia mais indicado para cada caso particular. Para isso, a equipa de investigação usou larvas de peixe-zebra, um organismo-modelo usado em laboratório, para simular *in vivo* as respostas de tumores humanos a fármacos usados em pacientes. A equipa de investigação transplantou massas tumorais provenientes de cinco doentes com cancro colorretal do Centro Clínico Champalimaud e do Hospital de Amadora-Sintra para as larvas de peixe-zebra, tendo depois submetido as larvas ao mesmo tratamento de quimioterapia que os pacientes. Os resultados que obtiveram nas larvas permitiram prever o sucesso ou

fracasso da quimioterapia escolhida para os pacientes.

Os investigadores descobriram ainda que o peixe-zebra tem um incrível poder de resolução, sendo capaz de detetar diferentes requisitos de tratamento em tumores geneticamente muito semelhantes. As observações dos investigadores revelaram que alterações na resposta do tumor a um tratamento podem resultar apenas de uma única mutação no gene RAS, um gene frequentemente alterado em tumores cancerígenos.

Embora existam já tratamentos personalizados para cancro realizados em ratinhos, não só é um processo muito moroso (o tumor demora meses a crescer no ratinho) como são apenas realizados em alguns grandes hospitais ou centros oncológicos. Este estudo apresenta a possibilidade de usar larvas de peixe-zebra nesses testes, reduzindo para menos



LARVA DE PEIXE-ZEBRA COM UM TUMOR DE UM DOENTE COM CANCRO © RITA FIOR (CCU)

de duas semanas o tempo necessário para determinar a melhor quimioterapia a usar. Contudo, é necessário fazer o mesmo tipo de estudo em centenas de pacientes, e em diferentes tipos de cancro, para ver se o poder preditivo do teste em larvas de peixe-zebra se confirma.

Este estudo foi iniciado no Instituto Gulbenkian de Ciência e continuou no Centro Champalimaud.

Ambientes



Carmina Burana ecoou no Vale do Silêncio (Olivais), durante o Festival Lisboa na Rua, para uma plateia que juntou cerca de 18 mil pessoas. Uma experiência inesquecível para o Coro e Orquestra Gulbenkian, num dos seus concertos ao ar livre mais concorridos de sempre.



GULBENKIAN.PT

Av. de Berna, 45A, 1067-001 Lisboa